



Fotografia da página anterior: Rodagem de *Quem espera por sapatos de defunto morre descalço* (João César Monteiro, 1970)

Luis Miguel Cintra: O Cinema

EDIÇÕES DA
CINEMATECA

Livro editado na sequência do Ciclo “Luis Miguel Cintra: o cinema”,
organizado pela Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema
em setembro de 2017



Coordenação: José Manuel Costa

Conversa com Luis Miguel Cintra: João Pedro Bénard, José Manuel Costa,
Manuel Mozos

Transcrição e colaboração na revisão e notas: Joana Sant’Ana

Edição e notas: José Manuel Costa, João Pedro Bénard

Filmografia de Luis Miguel Cintra: Manuel Mozos

Tradução do testemunho de Christine Laurent: Maria João Madeira

Revisão de texto: Pedro Miguel Fernandes

Grafismo e paginação: Nuno Rodrigues

Outras colaborações: Lúcia Guedes Vaz, Teresa Borges

Fotografias: coleção da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, arquivo pessoal
de Luis Miguel Cintra, arquivo do Teatro da Cornucópia, Paulo Cintra/Laura Castro
Caldas, João Constâncio, Rita Azevedo Gomes, Sérgio Tréfaut, Teresa Villaverde

Gráfica | ACDprint S.A.

Tiragem | 1000 exemplares

Depósito Legal:

ISBN: 978-972-619-292-3

1ª Edição: Dezembro 2020

Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema
Rua Barata Salgueiro, 39 1269-059 Lisboa | www.cinemateca.pt



CINEMATECA PORTUGUESA
MUSEU DO CINEMA, I.P.

EDIÇÕES DA
CINEMATECA

Índice

Nota prévia. Agradecimento	7
Abertura	
José Manuel Costa	9
Luis Miguel Cintra por João Bénard da Costa	17
Testemunhos	
Joaquim Pinto	25
Christine Laurent	28
João Mário Grilo	31
Conversa com Luis Miguel Cintra	
1ª Parte – Cinema e Teatro	35
2ª Parte – Os Filmes	117
Álbum na Primeira Pessoa	249
Filmografia Ator e Outras Funções em Cinema	321

Nota prévia. Agradecimento

Editado na sequência do ciclo com o mesmo título apresentado pela Cinemateca Portuguesa em setembro de 2017, este livro tem como principal fundamento a publicação da conversa que por essa altura gravámos com Luis Miguel Cintra em torno da sua relação com o cinema e do seu percurso nele. Quando o ciclo começou, a gravação estava feita, tendo contado com a inteira disponibilidade do ator e encenador. O facto de este trabalho só vir a lume três anos depois não se deve a ele, mas a nós. Por razões da vida interna da casa no período subsequente, as tarefas indispensáveis à publicação – transcrição, edição, notas... – decorreram de forma descontínua, com alguns extensos intervalos a que Luis M. Cintra foi sempre alheio. Chegados ao termo do caminho, só podemos então insistir na importância do que agora se edita, a que já tínhamos aludido aquando da apresentação do ciclo. Gravada ao longo de cinco jornadas, a conversa é aqui divulgada praticamente na íntegra, após a indispensável edição. Nela, a ordem exata de abordagem de cada assunto não é necessariamente a mesma em que se processou a gravação, optando-se por recentrar alguns temas de acordo com a estrutura pensada desde o início – primeiro, aspetos gerais da relação entre cinema e teatro, e da relação de Luis Miguel Cintra com o cinema, depois uma abordagem sequencial do seu trabalho nesta área. Mas, como se constatará, fizemos absoluta questão de manter intacta a natureza coloquial do registo assim como muitas das suas digressões e recorrências pontuais, sendo estas últimas, afinal, uma outra forma de ir progressivamente entrando, mais e mais fundo, no pensamento de Luis Miguel Cintra.

No termo da conversa, surge um caderno fotográfico que, já no decurso da montagem final do livro, ganhou contornos inesperados. Pensado como álbum evocador das presenças de Luis Miguel Cintra

no cinema (senão de *todas*, pelo menos do que deixou marcas maiores e do que o marcou *a ele*), este álbum acabou por converter-se numa outra viagem na primeira pessoa, em fotografia e em texto. Excetuando a mera identificação de títulos, o que aí surge em complemento das imagens é então uma outra, pessoalíssima, evocação retrospectiva, que, aliás, e mesmo sem qualquer anseio de acabamento ou sistematização, acabou por levar a uma escolha um pouco mais ampla da iconografia. Mais do que uma ilustração da restante conversa, é uma peça autónoma, feita num registo espontâneo e confessional, que a enriquece e complementa.

Finalmente, o livro integra algumas outras peças breves que visam enquadrar esse núcleo central: o texto de abertura lido na noite de homenagem ocorrida durante o Ciclo, o texto biográfico escrito por João Bénard da Costa para o “Diccionario de cine Iberoamericano – España, Portugal y América” (até hoje nunca publicado em português), um conjunto de três testemunhos solicitados para a edição, e a filmografia de Luis Miguel Cintra como ator de cinema. Quanto aos três testemunhos, o propósito foi inquirir três realizadores sobre a contribuição que, até hoje, o ator deu para o cinema e, sendo o caso, a relação que estabeleceram com ele – dois que com ele trabalharam diretamente (um autor português, Joaquim Pinto, e uma autora francesa, Christine Laurent) e outro que nunca o dirigiu (João Mário Grilo).

Aos três realizadores mencionados, aqui fica o nosso agradecimento.

A Luis Miguel Cintra, a Cinemateca expressa a sua profunda gratidão pela empenhada e generosa colaboração ao longo de todas as etapas de fabrico deste livro, que, na sua essência, surge para dar azo à sua própria expressão.

Abertura

José Manuel Costa

Abertura

Na abertura desta homenagem como não ser totalmente pessoal? Sou dos que viram *O Anfitrião* e foram transformados por isso. Para mim como para muitos da minha geração, foi logo aí que nomes como Luis Miguel Cintra ou Jorge Silva Melo se tornaram grandes referências para o nosso próprio percurso – referências culturais que, na verdade, se vieram a tornar algo ainda maior do que isso, uma vez que, com o passar dos anos, foi sobretudo aqui, no território da cultura e nos casos mais excepcionais dentro dele, que viemos a encontrar a maior parte das nossas referências morais. O sinal de transformação do nosso espaço cultural que aí irrompia veio obviamente a ter grande confirmação e desenvolvimento nos espetáculos do Teatro da Cornucópia, onde, logo nos primeiros anos, vimos Luis Miguel Cintra encenar e representar aquela impressionante sequência de autores clássicos e modernos que iam de Molière a Brecht e de Plauto a Büchner ou Heiner Müller, entre tantos e tantos outros, e onde, para citar apenas mais um exemplo, quando, já na década de oitenta, assistimos ao modo como ele rasgava aquele palco diminuto em que reinventava o espaço do teatro isabelino (*Ricardo III*), viemos a perceber que tínhamos também pela frente um moderno e gigantesco ator shakespeariano. Mas se a história da “revolução teatral” levada a cabo pela Cornucópia (palavras de João Bénard da Costa no texto publicado adiante) tem sido abordada por muitos com algum desenvolvimento, e pese embora o facto de esta não ser a primeira mostra de filmes que a Cintra é dedicada (há que lembrar a que Paulo Branco organizou no Estoril em 2015), a mesma atenção não foi ainda dada à sua presença no cinema, que é objeto deste Ciclo e desta edição. Quanto à análise desta outra faceta do seu trabalho, excluindo referências pontuais

(dicionarísticas) ou passageiras, estamos de facto muito no início, o que vale por dizer que uma análise importante deste nosso espaço cultural das últimas décadas – e que não pode ser reduzida a uma extensão automática da intervenção de L.M. Cintra no teatro – está em boa parte por fazer.

Independentemente da discussão da grandeza de L. M. Cintra também no cinema, e, no fundo, como caminho para chegarmos a ela com algum sentido, há então que perguntar antes de mais *o que é* L. M. Cintra nesta outra área, e como é que o podemos ver no contexto da longa e recorrente discussão da dicotomia ator de teatro *versus* ator de cinema, do trânsito possível entre as duas artes e das semelhanças ou, por vezes, das significativas diferenças entre o que é a grande representação de palco e a forte presença cinematográfica. E, sobre esta última questão, talvez que a primeira chave para um caminho de resposta seja afinal algo tão evidente e que está tão ostensivamente à frente dos nossos olhos que até por isso nos ocorrerá menos atentar nela: na verdade, antes mesmo de ser um nome maior da representação no cinema português (que sem dúvida é), L. M. Cintra será justamente o ator que melhor identifica e *se* identifica com o que tem sido a maior especificidade deste cinema ao longo do último meio século, ou, dito de outro modo, com a componente mais original dele, desenvolvida a partir da década de sessenta do século passado no rasto do corte operado pelo Cinema Novo. Fatalmente produzido à margem de uma verdadeira indústria, este foi um cinema que avançou fora do primado, noutros contextos tão automático ou inescapável, do naturalismo e da “transparência”, sendo antes aquele em que, por um lado, foi marca constante a sensação de tangibilidade e a materialidade dos lugares e dos corpos, e, por outro, a convivência disso com uma ordem radicalmente poética e, nalguns casos, com um romantismo exacerbado. Atentando nessas características, a questão da relação

de Cintra com as dicotomias a que acima me referi (as do trânsito entre a experiência do teatro e a do cinema, olhando para este na sua vertente mais rotineira e se se quiser *mainstream*) surge então desde logo muito mais clara, na medida em que o que está em causa é todo um universo cinematográfico que essencialmente está para além delas. Ao ator de um cinema da não-transparência não se pede uma atitude “transparente”, ou naturalista, ou o que em muitos casos tende aliás a ser hoje um mero simulacro do que isso quis efetivamente dizer nas convenções do cinema clássico americano. Ao ator de um cinema da tangibilidade dos corpos, onde subjaz, e não raro vem à superfície, aquele romantismo profundo, pede-se alguém que habite esses territórios por índole e opção, em consonância com a sua mais funda natureza. Controlador exímio do gesto e da voz, e ator naturalmente denso, de uma óbvia opacidade e não raro ambiguidade, Luis Miguel Cintra é esse caso: não só triunfa neste universo como o corporiza. A sua presença inquietante, a sua existência “entre a luz e a sombra” ou o seu lado “noturno e saturniano” (de novo, J. B. da Costa) são (todos) dados que se confundem com o cerne deste cinema – um cinema feito por gente que “sonhou demais”, para evocar, desta vez, a expressão certa em tempos usada por Pedro Costa.

A identidade de Luis Miguel Cintra no cinema confunde-se assim com este nosso contexto num sentido que vai muito para além do facto de, até hoje, ter sobretudo trabalhado nele. É absolutamente natural que as suas grandes presenças no ecrã e as suas maiores cumplicidades sejam com realizadores que combinam aquela presença tangível das pessoas e das coisas com uma imensa ambiguidade, ou perturbação, como o fez, acima de qualquer outro, Manoel de Oliveira, mas como o fizeram também, por exemplo, Paulo Rocha ou João César Monteiro. E é natural que o maior de todos os seus encontros – o mais visceral, o mais continuado, o

mais profundamente passível de identificação – tenha mesmo sido com o realizador de VALE ABRAÃO, ou seja, aquele que, no período que antecedeu o Cinema Novo, tinha já lançado muitas das raízes do que veio a ser este universo cinematográfico, e que no resto da sua vida nunca deixou de inspirá-lo, e, porque não dizê-lo, *demarcá-lo*. De facto, tanto ou mais do que as tão referidas compli- cidades entre Oliveira e os universos literários que habitualmente se invocam, e contrariando uma preconceituosa desvalorização da representação dos atores no seu cinema que é feita por muitos, será até porventura no trabalho dos atores *e com os atores* que assenta a maior singularidade deste realizador, a saber, aquilo que sempre considerei ser a mistura de uma insólita capacidade de figuração com uma permanente estranheza. Neste sentido, e sabendo embora que a associação entre Oliveira e os atores teve outros marcos fun- damentais – e estou obviamente a pensar na longa galeria das suas atrizes –, podemos ir mais longe e reconhecer que a colaboração entre Manoel de Oliveira e Luis Miguel Cintra, o cruzamento dos dois homens e dos dois universos pessoais, terá sido um dos gran- des diálogos que marcaram a cultura portuguesa deste meio século -, um diálogo, ou uma parceria, que Cintra admiravelmente evoca e analisa na longa conversa que com ele gravámos, e, apeteceria dizer, cuja publicação seria só por si suficiente para justificar esta iniciativa.

Por outro lado ainda, se tudo isto é evidente no caso das obras daqueles realizadores – Oliveira, Rocha ou Monteiro – não é nada surpreendente que o ator se tenha sentido muitíssimo bem no ter- ritório cinematográfico de Joaquim Pinto, o qual, no fundo, pode ser hoje visto por inteiro como uma outra face da mesmíssima coisa. Joaquim Pinto, ou seja, um cinema reinventado a cada gesto, capaz de uma simplicidade inusitada, e que, precisamente por isso, é capaz de nos colocar face ao assombro do vivido, ou da própria,

irredutível, sensação de viver. Aqui, Luis Miguel Cintra encontra-se com um percurso no qual, como no dele próprio, não há separação entre vida e criação, e em que, por inerência, se recusa a noção de trabalho como algo estranho à vida, ou que com ela *se cruza*.

Luis Miguel Cintra é muito grande no cinema português. Mas, juntamente com isso, tornou-se uma das mais evidentes presenças que, por si só, nos diz muito da identidade deste cinema.

José Manuel Costa

Texto lido originalmente no começo da sessão de homenagem a Luis Miguel Cintra organizada no dia 18 de setembro de 2017, na Sala M. Félix Ribeiro, no decurso do Ciclo “Luis Miguel Cintra: o cinema”.



álbum na primeira pessoa

depois passámos a vida muito depressa

Este amontoado de fotografias é parecido com uma das caixas em que enfiar o que me aparecia e parecia poder ajudar a construir alguma memória do que fiz, sem qualquer espécie de arrumação. A Maria Helena Serôdio que escreveu um livro sobre mim, fez esse trabalho de forma extremamente cuidadosa até 2001, faz 20 anos. Mas nunca me detive a roubar tempo para arquivar memórias. Tudo o que fiz como encenador, actor ou director no Teatro da Cornucópia está particularmente bem registado pela Cristina Reis nos dois pesadíssimos volumes do livro sobre o Teatro da Cornucópia. Mas o meu trabalho no Teatro funde-se felizmente no de tantas pessoas com quem fui trabalhando ao longo da vida. E a Cristina Reis com os seus ajudantes tornou aqueles dois livros, aqueles muitos quilos de texto e milhares de imagens, numa lindíssima obra em si mesmo. No cinema estamos mais sozinhos e o que se vive quando se filma fica parado nas imagens de nós em que o filme as tornou. Vamos morrendo um pouco em cada filme. Fomos ficando ali transformados em obras que já não são nossas. No Teatro o actor é mais autor. E a obra é ele. E acabado o espectáculo, não fica obra nenhuma. Nesta caixa de fotografias “álbum na primeira pessoa”, como a cinemateca lhe quis chamar, está, com o pouco critério das caixas de memórias que guardei, uma imagem do que ninguém viu (que o público não se ofenda se lhe chamo assim,) mas eu vivi: a rotação dos filmes, misturada com algumas fotos da minha vida fora do cinema, e alguns fotogramas. Tentou-se assinalar um percurso, filme a filme, em que o cinema foi pontuando a minha vida. E acho que fui menos um actor de cinema que uma pessoa que gostou de deixar pedaços da sua vida no cinema dos outros.